

16-04-2021

Eu não posso acreditar na falência do amor

(para Gisberta)

Ernani Costa Mendes

[Fisioterapeuta INCA/Ministério da Saúde.
Doutor em Ciências ENSP/Fiocruz]

Conheci a música “Balada de Gisberta” através de uma interpretação de Maria Bethânia. Venho escutando-a aproximadamente há dois meses, mas somente no último domingo tomei conhecimento da motivação da letra escrita por Pedro Abrunhosa, compositor português.

Confesso que tive curiosidade em ler sobre a vida e a obra do compositor, porém no dia da pesquisa não apareceu na busca a história de Gisberta. Só achava a letra forte demais e que denunciava um descrédito no amor incrível, isso me chamou bastante atenção! Para minha surpresa e indignação, no domingo, descobri que Gisberta era uma transexual, que vivia em Portugal e que foi morta afogada num poço de elevador de um prédio abandonado, no qual morava, após ser agredida e violentada sistematicamente durante vários dias por 14 jovens portugueses que eram abrigados na “Oficina de São José” (veja). Ela sai do Brasil aos 18 anos, fugindo dos altos índices de assassinatos de homossexuais, na década de 1980, em São Paulo, para proteger a sua vida, mas infelizmente, morre em Portugal, em 2006, pelo mesmo motivo que a fez abandonar o seu país. ...Gisberta Salce Junior foi apontada como símbolo de discriminação múltipla: imigrante, prostituta, sem-abrigo, soropositiva e transexual. Esse caso teve muita repercussão lá pelas terras lusitanas de passado colonizador, e que retroalimenta um tempo presente de mentalidades capitalistas, patriarcais e imperialistas - geopolítica do Norte-Global - que permite e financia esse e tantos outros absurdos contra os vulneráveis sociais (desemprego, empobrecimento e mortes). Detalhe: após 15 anos do crime, como era de se esperar, nada “pegou” para os jovens mancebos... Hoje, homens formados que continuam gozando do direito de viver suas vidas como pessoas do bem! O caso de Gisberta remonta à cruel realidade dos diferentes atores sociais no mundo, seja por etnia ou raça/cor, ideologia de gênero, orientação sexual, partidária, religiosa etc. Quando teremos uma humanidade que respeite e reconheça os diferentes, as alteridades? Quando vamos inverter a ordem social do desamor, dos vários tipos de violências, do racismo que sangra a dignidade das pessoas negras, do feminicídio galopante, da homofobia, da transfobia e tantas outras formas de ódio consagradas no território mental das pessoas? Quando? Não, jamais, eu não posso acreditar na falência do amor, do cuidado com a vida, das pontes de solidariedade içadas, das avenidas de fraternidade lançadas...

BALADA DE GISBERTA

PERDI-ME DO NOME, HOJE PODES CHAMAR-ME DE TUA

Como encarar e sobreviver com a perda da identidade: nome, direitos e cidadania? O que fazer quando não se consegue mais manter a autonomia tendo que delegá-la? Seja por qual motivo for ou relação em que você esteja: amor, cuidado, trabalho, amizade...

DANCEI EM PALÁCIOS/HOJE DANÇO NA RUA

Como encarar as derrotas da vida? Como naturalizar a sua banalização, as suas desconformidades e injustiças...

VESTI-ME DE SONHOS/HOJE VISTO AS BERMAS DA ESTRADA

Como é transitar dos belos sonhos e acordar na realidade cruel das variantes do declínio humano?

DE QUE SERVE VOLTAR/QUANDO SE VOLTA PARA O NADA

Como é voltar para uma vida que nunca existiu e muito menos foi legítimada...

EU NÃO SEI SE UM ANJO ME CHAMA/

EU NÃO SEI DOS MIL HOMENS NA CAMA

Como viver essa dicotomia? Como coadunar o sagrado e o profano numa mesma existência?

E O CÉU NÃO PODE ESPERAR/EU NÃO SEI SE A NOITE ME LEVA

Como coadunar? Pois o céu, o universo, as transições, as mudanças, a noite não podem esperar...

EU NÃO OUÇO O MEU GRITO NA TREVA/O FIM QUER ME BUSCAR

Como manter uma existência sem o retorno do que se viveu, sem o eco retumbante da cor, do sabor e do legado da vida?

SAMBEI NA AVENIDA/NO ESCURO FUI PORTA-ESTANDARTE

Como é dançar nas avenidas da vida sem os holofotes apoteóticos do reconhecimento?

APAGARAM-SE AS LUZES/É O FUTURO QUE PARTE

Como é conviver num sistema corrupto, perverso e desumanizante que simplesmente arranca os nossos futuros?

ESCREVI O DESEJO/CORAÇÕES QUE JÁ ESQUECI

Como desejar sem futuro? Como lembrar de corações sem ter de volta a memória roubada?

COM SEDAS MATEI/E COM FERROS MORRI

Como será o processo de matar com sedas? Será que é por excesso de amor... será que é matar pela intensidade de se dar? Não sei, mas esse ato justificaria os genocídios, os feminicídios e as mortes de inúmeras Gisbertas mundo afora?

EU NÃO SEI SE UM ANJO ME CHAMA/EU NÃO SEI DOS MIL HOMENS NA CAMA/E O CÉU NÃO PODE ESPERAR/EU NÃO SEI SE A NOITE ME LEVA/EU NÃO OUÇO O MEU GRITO NA TREVA/E O FIM QUER ME

BUSCAR/TROUXE POUCO/LEVO MENOS

Como exercitar uma vida com seus significados e sua potência natural sem consentir que não passamos de seres biográficos?

A DISTÂNCIA ATÉ AO FUNDO É TÃO PEQUENA/

NO FUNDO, É TÃO PEQUENA/A QUEDA

Como identificar as paradas obrigatórias e essenciais de reabastecimento dos sentidos da vida? Para que possamos nos prevenir das agruras da queda?

E O AMOR É TÃO LONGE/O AMOR É TÃO LONGE/

O AMOR É TÃO LONGE/O AMOR É TÃO LONGE

E como e porque no caso da Gisberta o amor foi parar tão longe??? Longe de sua terra natal, da sua família, longe dos corações dos “miúdos” que a hostilizaram até o dia da sua morte e tão longe e tão longe da justiça... Enfim, nada devolve a sua vida, porém são iniciativas que com certeza reconhecem a importância de sua sinistra história e aponta para o avanço de garantias e direitos para a população LGBTQI+ e, principalmente para mim, reforça a constatação: que eu não posso acreditar na falência do amor!

■ ■ ■

Gisberta foi inspiração para a música “A Balada de Gisberta”, de Pedro Abrunhosa, em 2007, a *peça teatral* “Gisberta”, em 2017, com Luis Lobianco, o documentário de Thiago Carvalhaes *A Gêa*, também em 2017, e em 2018 para o livro *Pão de Açúcar*, de Afonso Reis Cabral.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.